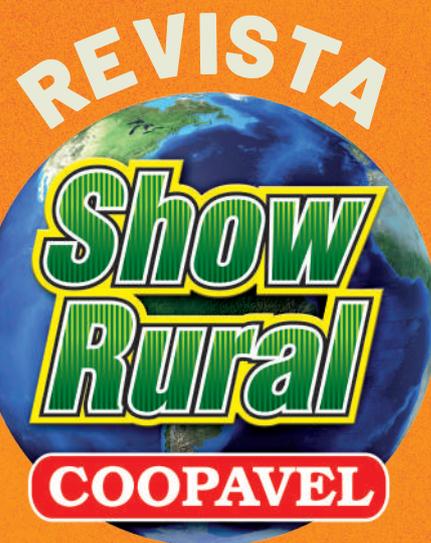


VIVER É COOPERAR

Uma parceria de 22 anos entre Coopavel e Carpil, cooperativa de produtores rurais de Alagoas, vira inspiração a um programa federal que será lançado em breve. O Brasil Mais Cooperativo, ação do Ministério da Agricultura, vai estimular a troca de conhecimentos entre cooperativas do Sul com as do Norte e Nordeste brasileiro. A parceria ressalta também a importância de um movimento transformador e que passa a ser trabalhado pela Coopavel com o seguinte slogan: Viver é cooperar

**SINCOOPAR-OESTE
FORTALECE MOVIMENTO
COOPERATIVISTA**



MAIO DE 2019
EDIÇÃO 06

**SHOW RURAL COOPAVEL
APRESENTA CAMPEÕES EM
TESTES DE PRODUTIVIDADE**

**UPL TEM R\$ 1 MILHÃO
EM ECONOMIA AO USAR
GRUPO GERADOR DE ENERGIA**



UMA PARCERIA QUE INSPIRA O BRASIL

Trabalho desenvolvido há 22 anos entre Coopavel e Carpil
vira referência ao Ministério da Agricultura, que se prepara
para lançar um projeto nacional de união cooperativista

Texto: Jean Paterno



Pense num cabra teimoso, de poucas palavras e mais desconfiado que quero-quero perto do ninho. Parido e criado no semiárido nordestino, Caetano Nonato era a representação do pessimismo. O produto acabado de uma região esquecida. Caetano era um em milhões que, durante décadas, serviram de massa de manobra aos coronéis ambiciosos e astutos. Cansado de promessas e arreio à política de crédito dos bancos, ele tocava sua vida sem muitas ambições.

Vaqueiro e dono de uma propriedade de dois alqueires, Caetano conseguia o sustento da família trabalhando com um dos irmãos. O dinheiro mal dava para comprar o básico, mas, mesmo assim, ele curvava a cabeça e seguia. As mãos calejadas e o coração endurecido inibiam grandes saltos de emoção. Quase nada o surpreendia, nem a notícia de que o rio São Francisco poderia transformar faixas do sertão em ilhas de esplendor. Muito menos que a cooperativa da região criaria um programa subsidiado para a produção de leite.

O destino, caprichoso, reservava algo surpreendente para Caetano, a família e os vizinhos. A guinada começou com a inquietação de um tataraneto de agricultores, protagonistas de histórias igualmente fantásticas. O técnico em agropecuária Luciano Monteiro viu na televisão uma reportagem que mostrava uma escola do campo mantida por uma cooperativa no Oeste do Paraná. A cada palavra que ouvia e a cada imagem que via a esperança de Luciano de que a realidade dura do semiárido poderia ser diferente aumentava. A impressão que ele tinha era de estar vendo o paraíso. Deslumbrantes paisagens coloridas, pessoas bonitas e coradas e todos esbanjando felicidade. “Era aquilo que

eu queria aqui em Palmeira dos Índios – pequena cidade do interior de Alagoas”, dizia Luciano à mulher e aos parentes.

Com poucos recursos, Luciano entrou em contato com a cooperativa e acertou tudo. Porém, precisou de oito meses para convencer um grupo de 12 pessoas a cortar o Brasil a bordo de uma pequena van para visitar o oásis de prosperidade que tinha visto na TV. A viagem de quatro dias só para chegar ao destino era o menor dos problemas. “Mais desafiador, e isso seguiu por anos, foi enfrentar o ceticismo das pessoas”. Três mil e quinhentos quilômetros depois, o grupo chegou ao Trevo Cataratas em Cascavel, e viu em uma faixa de pano uma frase que seria reveladora: Visite o Show Rural Coopavel.

Como era logo ali, coisa de cinco quilômetros, todos concordaram em dar uma passadinha, lembra Luciano. Era domingo e pensaram que fossem encontrar um ambiente para relaxar. Música alta, comida à vontade e gente bonita para admirar. “Tanto que paramos em um posto e compramos algumas cervejas”. O primeiro grande impacto da visita ocorreu na portaria. “Disseram que poderíamos entrar, mas que as latinhas tinham que ficar. Achamos estranho, mas seguimos com o combinado”. A maior surpresa foi encontrar em um só ambiente tratores, colheitadeiras, implementos e cultivares de todos os tipos.

A visita que deveria durar 30 minutos se estendeu por três dias. O grupo foi recebido pelo presidente da Coopavel, Dilvo Grolli, que explicou os motivos que levaram uma cooperativa a organizar um evento como aquele. “Precisávamos de uma formatação que pudesse, de um jeito ágil fazer com que as no-



vidades em pesquisas e experimentos chegassem aos agricultores com clareza. E mais, que fossem rapidamente transferidas para o campo, aumentando os índices de produtividade”. E essa

é uma das principais contribuições do evento, com incremento superior a 300% nas produtividades de soja e milho na área diretamente alcançada pelo Show Rural.



O nordestino Caetano Nonato: de cético a produtor exemplar



INTERCOOPERAÇÃO

Do encontro entre Luciano e Dilvo nasceu, na mesma ocasião, um acordo para uma intercooperação sem precedentes no Brasil, e até hoje a mais duradoura do País. Ao mesmo tempo em que Luciano organizava caravanas cada vez maiores para vir a Cascavel visitar o evento tecnológico, a Coopavel enviava profissionais a Palmeira dos Índios para proferir palestras em dias de campo e outras atividades técnicas. Esse foi um novo impulso à Carpil, criada em 1979 e que, a exemplo de muitas outras, era mais uma agremiação do que um balcão de negócios agrícolas.

A transmissão de conhecimentos começou a lentamente mudar os números e a paisagem das propriedades rurais daquela região do Nordeste, a exemplo do que as cooperativas fizeram quatro décadas antes

no Oeste e no Paraná. “Os primeiros resultados práticos demoraram cinco anos para aparecer. Não foi fácil. Quando eu dizia que no Sul tinha agricultor que tirava mais de 70 litros de leite de uma única vaca por dia, que o alqueire chegava a render 150 sacas de milho, que empresas abatiam 300 mil frangos em três turnos de trabalho e que era possível quadruplicar a produtividade na área de mandioca me xingavam de tudo quanto é nome. Ouvi coisas como mentiroso, feiticeiro e até macumbeiro”, conta Luciano, que fez do desafio um combustível para as mudanças que viriam.

Valmir Batalha, outro pequeno agricultor alagoano, descobriu no Show Rural a oportunidade que mudaria a sua vida. Em visita ao estande do Emater, Valmir se encantou com a variedade de doces e compo-

tas. Ele voltou ao Nordeste e transformou o leite produzido na propriedade em derivados e as frutas em doces e geleias. Hoje, Valmir atende mercearias, mercados e parte do que fabrica atende a merenda escolar de cidades da região.

A conexão da Carpil com a Coopavel foi tão especial que, em poucos anos, famílias inteiras lotavam ônibus que seguiam em comitivas cada vez mais numerosas para Cascavel. Caetano Nonato, meio que por não aguentar mais tanta insistência, decidiu vir ao Paraná e conhecer o evento de que tanto falavam. E ali começaria o segundo estágio da grande mudança que impactaria o vaqueiro. Seo Caetano ficou impressionado com o que aprendeu e, mesmo depois de ser o último a aderir a um programa de incentivo à produção de leite da Carpil, passou a empregar cada gota do conhecimento absorvido à sua perfeição.

De nenhuma, hoje Caetano tem 30 vacas de leite e virou modelo da Embrapa Nordeste na disseminação da pecuária ao mini e pequeno produtor rural. “Essa é a grande magia do Show Rural. Conheço vários eventos parecidos, mas nenhum aproxima tanto o agricultor da tecnologia como ele. Visitá-lo é o mesmo que entrar em um grande tubo de ensaio, onde o resultado de experiências fabulosas estão ali, na sua frente. E então é só pegar”, ilustra Luciano Monteiro.

O amadurecimento da Carpil e de outras cooperativas que surgiram em municípios de Alagoas e de estados vizinhos, somado à intercooperação com a Coopavel, sepultou hábitos obsoletos e fracassados. “O nosso pessoal não sabia nada de silagem, de armazenamento e vaca boa dava quatro litros de leite por dia. A ordenha era só pela manhã. No Show Rural, aprendemos sobre armazenagem, inseminação artificial, genética e

ordenha no período da tarde. Hoje, ninguém na área que atendemos aceita produtividade menor a 16 litros por dia”, afirma Luciano.

Os primeiros 12 tanques de recepção e resfriamento de leite que desembarcaram em Palmeira dos Índios foram comprados no Show Rural, e usados coletivamente. O mesmo ocorreu com a primeira máquina de corte e plantio de mandioca, cultura que rendia apenas 8 toneladas por hectare e que agora ultrapassa as 35. E de apenas 15 sacas de milho, nenhum agricultor cooperado em Alagoas aceita menos que 125 sacas por hectare atualmente.

Produtores aprenderam a fazer silagem



ÊXODO

Com tecnologia e produtividades cada vez maiores, regiões de Alagoas e do Nordeste começaram a derrotar um inimigo antigo e feroz. O êxodo rural caiu progressivamente nos últimos anos e a sucessão familiar voltou a prosperar. Em 22 anos de visitas técnicas ao Show Rural, 900 jovens dos nove estados da região tiveram a chance de conhecer o evento que é um dos três maiores do mundo em transmissão de conhecimentos para o campo. “E eles perceberam que, com inovação, organização e resultados, a agricultura é um bom negócio e voltaram a acreditar nela”, diz Antonio Augusto Putini, coordenador da Unicoop (Universidade Coopavel), um dos técnicos que acompanham a revolução que a intercooperação promove no Nordeste.

Atentos à importância do cooperativismo, técnicos, secretários de agricultura e

prefeitos fazem dos princípios que regem o movimento ações de políticas públicas. É o que ocorre com programas de recuperação e proteção de nascentes que já renderam vários prêmios a Palmeira dos Índios e a Alagoas. A inspiração foi o Água Viva, projeto que a Coopavel mantém há 15 anos e que recuperou mais de dez mil fontes em Cascavel e região, em vários estados e até em outros países da América Latina.

A Carpil cresceu tanto nas últimas duas décadas que agora é ela quem faz intercooperações com outras cooperativas menores e seu mentor, Luciano Monteiro, virou conferencista internacional. Ele percorre o mundo para dar seu testemunho de que o cooperativismo e a prática do seu sexto princípio pode mudar a história de pessoas como Caetano Nonato e Valmir Batalha, de famílias e de regiões inteiras.



Produção de frutas abastece indústrias

A MULTIPLICAÇÃO DE BOAS PRÁTICAS

A parceria de 22 anos entre a Coopavel e a Carpil foi um dos assuntos abordados durante coletiva com a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, em fevereiro na 31ª edição do Show Rural. O presidente Dilvo Grolli deu detalhes dos resultados da intercooperação e a ministra, atenta aos números, citou que esse é um modelo de trabalho que precisa ser incentivado.

De volta a Brasília, a ministra incumbiu o secretário de Agricultura Familiar e Cooperativismo, Fernando Schwanke, a desenvolver um programa de ações de intercooperação. “E a encomenda foi aproveitar a experiência da Coopavel e da Carpil em uma das ações do Brasil Mais Cooperativo”, diz Fernando. Haverá intercâmbio para o repasse de informações sobre cultivos, tecnologias, organização de cadeias produtivas e relações da cooperativa com o mercado.

O programa vai aproximar as cooperativas do Sul, que fazem isso tudo muito bem, com aquelas do Norte e Nordeste que queiram crescer, afirma o secretário. As do Sul também terão a chance de aprimoramento a partir de parcerias internacionais. “Vamos aproximá-las de outras, do mundo todo, para estimular a transferência de tecnologias. O Brasil Mais Cooperativo já está pronto e será lançado em breve”, afirma Fernando Schwanke.

IMPROVÁVEL E TRANSFORMADORA

Nem o mais otimista e deslumbrado dos tecelões de Rochdale, no Nordeste da Inglaterra, poderia supor o tamanho da revolução que estava prestes a começar. De uma improvável pequena cidade do interior brotaram as primeiras conexões de um movimento que transformaria o jeito de as pessoas se associar para produzir, compartilhar talentos e multiplicar resultados. Cento e setenta e cinco anos depois, o cooperativismo segue a sua jornada vencedora e banhando de prosperidade as regiões nas quais é convidado a frutificar.

Os princípios da cooperação têm marcas profundas na economia e na história do Brasil. Nos estados do Sul, cidades e regiões inteiras devem o seu surgimento e expansão aos pilares centrais desse movimento. O Oeste abriga algumas das maiores cooperativas agroindústrias do País, que abrem oportunidades de emprego e tonificam os indicadores das cidades que as abrigam e do seu entorno. As cooperativas levam o nome da região para o mundo e consumidores de países do Oriente, da Ásia e dos confins da Europa encontram nos supermercados carnes provenientes de Cascavel, Palotina, Cafelândia, Medianeira e outras.

Na região, uma em cada cinco pessoas está direta ou indiretamente ligada aos laços do cooperativismo agroindustrial. Sozinhas, as seis principais cooperativas do Oeste respondem por 50% do PIB regional, hoje na casa dos R\$ 42 bilhões. Juntas, elas têm mais de 35 mil cooperados e cerca de 40 mil colaboradores.



O EXEMPLO DA CARPIL



Inspirada pela Coopavel, a Carpil pratica a intercooperação com dezenas de cooperativas do Nordeste



Diferentes das do Oeste do Paraná, que têm entre 5 mil e dez mil cooperados, as cooperativas do Nordeste contam em média com 350 filiados cada



A Carpil foi criada em 4 de agosto de 1979 com 76 cooperados; hoje eles são 1.646

A Cooperativa Agropecuária Regional de Palmeira dos Índios atua com comercialização da produção, compra em comum, assistência técnica, mecanização, apoio à implantação de políticas públicas de convivência com semiárido, intercooperação, intercâmbios e treinamentos



A COOPAVEL

A Coopavel Cooperativa Agroindustrial foi fundada em 15 de dezembro de 1970, por 42 sócios

São 5,5 mil cooperados e 5,2 mil colaboradores

R\$ 2,5 bilhões foi o faturamento em 2018

Ela atua nas áreas de sementes, fertilizantes, carnes e grãos

Atualmente, a Coopavel exporta para mais de 20 países.

O COOPERATIVISMO

NO MUNDO

1,2 bilhão de cooperados

105 países conectados ao movimento

NO BRASIL

13,5 milhões de cooperados

7.063 cooperativas

R\$ 400 bilhões em faturamento

400 mil empregos diretamente gerados

NO PARANÁ

1,5 milhão de cooperados

255 cooperativas

100 mil empregos

R\$ 83,7 bilhões em faturamento

58% da formação do PIB do Paraná vem de cooperativas

R\$ 12 trilhões em geração anual de faturamento

Geração de 250 milhões de empregos

OS 7 PRINCÍPIOS

- 1 Adesão livre e voluntária
- 2 Gestão democrática
- 3 Participação econômica dos membros
- 4 Autonomia e independência
- 5 Educação, formação e informação
- 6 Intercooperação
- 7 Interesse pela comunidade